

MUSEU DO HOLOCAUSTO/PR: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Maria Cleci Venturini¹

Maria Claudia Teixeira²

O museu corresponde não só à coleção de objetos de arte, cultura, ciências naturais, etnologia, história, técnica, mas também a um lugar destinado ao estudo e, principalmente, à reunião desses objetos. Prestam-se esses objetos selecionados para comporem o acervo de um determinado museu, a uma demanda de recomposição narrativa e representativa tanto do passado como do presente (NASCIMENTO, 2007, p. 9).

Os museus recobrem/problematizam/rememoram/comemoram em seus espaços, a partir de diferentes temporalidades, o social, o memorial e o histórico e, em (dis)curso, significam pelas visibilidades e pelas invisibilidades dadas por seus acervos a acontecimentos e a nomes que retornam de um passado que se atualiza desde o presente e convoca um futuro. Esses lugares, sublinhamos, priorizam o que faz sentido na formação social, sem compromisso com o modo como os seus arquivos afetam o coletivo das formações sociais e, muito menos, com a celebração ou com a valoração positiva do que é dado a ver e a circular em (dis)curso. Há aqueles museus e espaços memoriais que presentificam grandes tragédias e massacres, como ocorre com os que tratam do Holocausto, por exemplo, fazendo-os funcionar como espaço de resistência.

Assim, neste texto, recortamos o Museu do Holocausto de Curitiba/PR como espaço de resistência, tomando como lugar discursivo de análise a exposição “Feitos e efeitos”, que desloca a noção de testemunho e testemunha. Vamos discutir, também, a designação da exposição como parte das condições de produção do Museu do Holocausto de Curitiba no que tange à resistência. A questão a ser respondida é “Como os ‘feitos’ e os ‘efeitos’ de judeus como ‘cidadãos do mundo’ fazem funcionar a resistência”? Para responder à questão que nos move empreendemos discussões teóricas acerca de museus e de espaços memoriais mobilizando as noções corpo-memória e corpo documento (VENTURINI, 2017) e o funcionamento do testemunho, considerando a nomeação/designação da exposição.

MARCANDO POSIÇÕES EM TORNO DE MUSEUS E MEMORIAIS

As discussões a serem empreendidas se sustentam no corpo e no seu funcionamento como parte do processo de constituição de redes de memória e como documento que legitima o vivido e possibilita, por meio de discursos *sobre*, dar a ver acontecimentos, eventos e sujeitos que estruturam museus e espaços memoriais. Vemos, nesse sentido, o corpo não como matéria, mas como discursividade constituída pelas memórias que comportam e pelos discursos que ressoam por eles/neles saberes que fazem desses sujeitos

¹ Profa. Dra. do Departamento de Letras da UNICENTRO e pesquisadora nos programas de pós-graduação em Letras da UNICENTRO e da UFPR. Coordenadora do Projeto “Educação, História e Memória: o Holocausto como ‘uma luz sobre o caos’”, apoiado pela SETI.

² Profa. Dra. do Departamento de Letras da UNICENTRO. Orientadora do Projeto “Educação, História e Memória: o Holocausto como uma ‘luz sobre o caos’”, apoiado pela SETI.

lugares de memória, não só pela composição da exposição, mas também pelo modo como as materialidades que a estruturam são organizadas e promovem a circulação do conhecimento.

Essa organização e os modos de “fazer-criar” pelo ver (VENTURINI, 2009, p. 50) vêm de sujeitos e como discurso se destinam a sujeitos, enquanto interlocutores, referendando o discurso como “efeito de sentidos entre A e B” (PÊCHEUX, 2019, p. 39). O museu se constitui por projetos e por narrativas resultantes do funcionamento do interdiscurso – o retorno de memórias e discursos como historicidade, “materialidade do discurso, enquanto estrutura e acontecimento” (ORLANDI, 2017, p. 30-31), que os legitimam e instauram efeitos de sentidos que encaminham para lugares de memória. O ser lugar de memória legitima-se pelo enunciado “Para sempre vamos lembrar”, que se encontra no crachá que os visitantes recebem logo na entrada do museu. Além do crachá, os visitantes são logo avisados que a visita será inesquecível, pelo enunciado: “Prepare-se para uma visita inesquecível”.

Sublinhamos, também, que como estrutura e acontecimento, o Museu do Holocausto como espaço de resistência organiza as materialidades pelas quais se significa e ao mesmo tempo se delimita. A sua narratividade, enquanto museu – lugar de memória – começa a se fazer desde a entrada, pelo crachá, que diz do objetivo desse espaço, que é referendar/reforçar/destacar que o acontecimento do Holocausto não será esquecido, conforme o testemunho de muitos dos sobreviventes, dentre eles, Hertha Spier (VENTURINI; PETRI, 2019). Segundo Seligmann-Silva (2007, p. 3), “[...] o testemunho tende desde sempre a afirmar a sua ‘primeiridade’, ou seja, a proximidade com a visualidade que estariam na origem dos relatos e dos fatos. Sem referência a um real ‘extra escritural’ o testemunho perde seu valor”.

O testemunho significa em função de determinações sociais, históricas e culturais que os estruturam como espaço material, passível de sustentação por corpos-memória e por corpos-documento, conforme Venturini (2017, p. 60), pelas relações estabelecidas com a história, que não prescindem do comprovável e do acontecido. Para a autora, no que tange a museus e espaços de memória, que têm o corpo como referência, ressoam memórias e discursos, podendo-se, por isso, dizer que o corpo se inscreve em espaços públicos, constituindo espaços discursivos, lugares de memória” (VENTURINI, 2017, p. 55). Assim, em relação ao corpo-memória e ao corpo-documento presentificamos o documento tão exigido pela história, como argumento que sustenta uma versão dos acontecimentos em museus e em espaços memoriais.

Para Venturini (2017), o museu do Holocausto se sustenta por corpos que trazem de volta o ausente e fazem com que os objetos rememorados/comemorados sejam vistos/legitimados e por eles/neles retornem memórias e o corpo, que pode ser visto em sua concretude e discursividade como documento. Na perspectiva discursiva, o corpo-memória e o corpo-documento constituem redes de sentidos, pautados no havido (acontecimento do passado) e no que ressoa a partir dele como materialidade significativa, pensado, nesse texto, pela resistência ao esquecimento, “ao controle da memória e ao redirecionamento de discurso que apagaria a história, significando-a em direções contraditórias e, até antagônicas” (VENTURINI; PETRI, 2019, p. 2).

Com vistas a discutir o Museu do Holocausto como espaço de resistência pelas noções corpo-memória e corpo-documento, deslocamos as reflexões de Kosseleck (2006) em torno da experiência – retornos ao passado – e em torno de horizontes de expectativa – a possibilidade de construir futuros para o passado. Nesse sentido, entendemos que é o corpo – como materialidade – que constitui redes de

memórias, aliando as experiências e os horizontes de expectativa. O pressuposto é que as materialidades significantes se estruturam e se constituem por corpos, ressoando memórias e discursos que circularam antes em outros tempos e lugares – os pré-construídos, conforme Pêcheux (1997) – e projetam futuros para o passado.

Desse modo, o corpo-memória significa pelo retorno ao passado, ressaltando-se que esse retorno não tem compromissos com a reprodução, mas com o fazer memória que reclama horizontes de expectativa e, a partir dele o devir – o futuro, como bem destaca Bloch (2002), a partir do presente, cujas emergências demandam o retorno ao passado. Esse futuro se legitima pelas memórias e pelos discursos que retornam como acontecimento discursivo e historicizado e sinalizando para o que o passado poderá vir a ser, enquanto possibilidade de futuro, constituído em (dis)curso a partir de sujeitos. Para Kosseleck (2006) o funcionamento das experiências – o passado – e do horizonte de expectativa – a futuridade – estruturam o acontecimento histórico, que analisamos como discursividade, constituída por processos de construção do objeto discursivo, nesse texto, o Museu do Holocausto como espaço de resistência.

Em torno do Museu do Holocausto como espaço de resistência se assenta na história, no vivido, no testemunhado – o dito *sobre* – e nas testemunhas – os sujeitos que assumem a responsabilidade pelo dito, como nos ensina Pêcheux (1997). A história “não demanda datação, mas de efeitos de sentidos a partir de sujeitos, retornando como memória como um discurso que vai funcionar em outros discursos que circularam na formação social e demandam interpretação” (VENTURINI, 2021, p. 175). Vale destacar que a resistência como discursividade está nas materialidades desses testemunhos, que se apresentam em quadros, e neles estão as datas de nascimento e de morte (alguns ainda vivem) e, nesse quadro, estão presentes parte das práticas judaicas, por exemplo, colocando pedras brancas nos túmulos e não flores. Pelo que é dado a ver e legitima funcionamentos memoriais constituem-se imaginários em torno dos judeus como testemunhas e também dos seus testemunhos.

RECORTES DA EXPOSIÇÃO “FEITOS E EFEITOS”: LUGARES DE FALA E DE RESISTÊNCIA

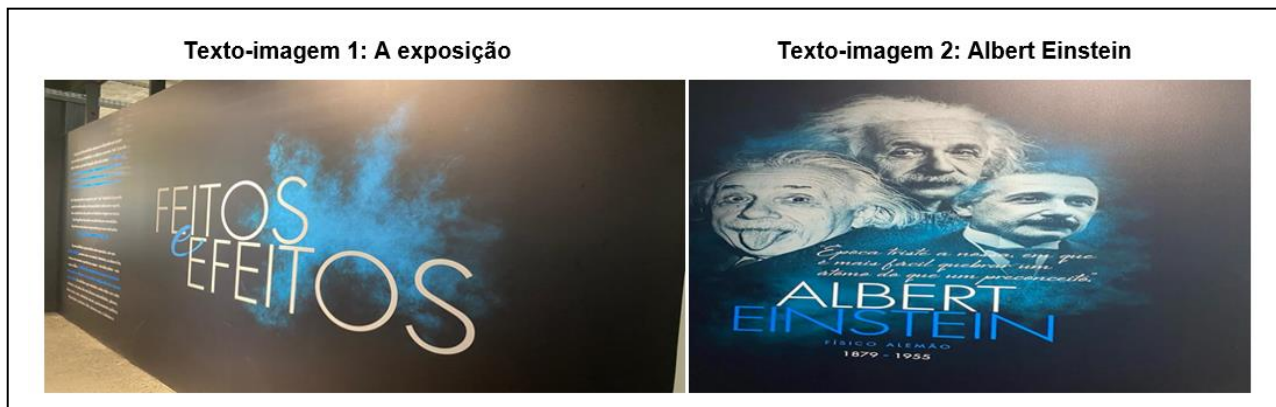
É importante dizer que a visita presencial do Museu do Holocausto nos surpreende com uma galeria de painéis de judeus famosos e em cada painel, há, “entre aspas” uma citação emblemática de cada um deles. A grandeza das materialidades e dos efeitos de sentidos que desencadeiam, de início, emocionam, porque se trata de sujeitos que produziram conhecimento em diferentes domínios e que são conhecidos mesmo por aqueles que não são letrados, tal o alcance de seus nomes e de suas pesquisas.

Essa ‘entrada’ magistral no museu, se assim podemos dizer, dá visibilidade a um dos objetivos mais importantes do espaço museológico que é, segundo Carlos Reiss (2018, p. 15), destacar a necessidade de “compreender o caminho percorrido pela memória da Shoá” e visualizar como o genocídio será lembrado pelas gerações futuras. Essa visualização, de acordo com o autor, vai permitir ajustar essa memória e fazer correções de rota necessárias “para que a memória do Holocausto seja construída de forma mais consciente e justa possível para com todos os descendentes, sobreviventes e comunidades de seres humanos”. Uma das propostas é destacar a memória da Shoá de forma mais racional e menos instintiva para que seja feita justiça ao legado deixado pelos descendentes.

Tomamos duas materialidades: o painel de entrada (Texto-imagem 1) e o de Albert Einstein (Texto-imagem 2), conforme o quadro 1, para discutir a exposição e os processos discursivos que a sua

designação engendra. Entendemos a designação, a partir de Guimarães (2003) como relações de sentidos e para discutir os processos discursivos que pautam a análise da exposição, colocando-a em um ‘enquadramento de significância’ pelas relações de sentido que se estabelecem. Para Zoppi-Fontana (2003, p. 250), a designação ocorre como processos e por “relações de referência instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições sujeitos”.

Quadro1 – Materialidades de análise



Fonte: Arquivo de Maria Cleci Venturini

Adentrando, no *site* e na exposição “Feitos e efeitos” destacamos o modo como essa prática está visível e descrita, sinalizando, que desde sempre, os gênios da humanidade, conforme se pode ler na apresentação da exposição “Feitos e efeitos” (Texto-imagem 1) costumam ser “disputados por grupos que reivindicam a sua identidade ou a reduzem a um único ‘nós’”. No mesmo cartaz, está dito que:

[...] esta disputa (positiva ou negativa) pela ‘real’ identidade de grandes agentes transformadores da humanidade é reducionista e egoísta. Suas importâncias não podem ser limitadas a origens ou a crenças. Suas biografias não podem ser pleiteadas por comunidades de pertença como únicas responsáveis por suas realizações. Somos indivíduos multiculturais e plurais.

Segundo o porta-voz do museu, esses sujeitos, são judeus e isso os significa como semelhantes, mas não são iguais, todos são “multiculturais e plurais” e essa é uma característica da humanidade, mas ao mesmo tempo, legítima, ancora, sustenta discursos sobre ‘judeus’ e desconstrói imaginários, que foram igualmente construídos sobre eles, durante séculos. A ‘disputa’ por uma identidade nacional, segundo os organizadores da exposição e a voz oficial do museu, é reducionista, por significarem os sujeitos a partir de suas origens ou crenças.

Entretanto, ao observá-los, notamos não somente o que eles têm em comum – são todos judeus – mas o que os difere: a infinidade de características às quais a identidade judaica pode se combinar e como esta fé e tradição milenares inspiram cada um deles. Os sujeitos que estruturam a exposição são todos judeus das mais diferentes nacionalidades, gêneros e classes sociais, cores, orientações sexuais, posicionamentos políticos, religiosidades e profissões. Enfim, diversos como o judaísmo é e como memória retorna o enunciado ‘os sem pátria’. Há diferenças também, pois nem todos possuem a mesma religião, nem têm a mesma orientação sexual, nem todos são brancos e nem comungam da mesma filiação política ou profissional. Com isso, fica referendado, que os judeus são diversos e o judaísmo também é.

“Se minha teoria da relatividade estiver correta, a Alemanha dirá que sou alemão e a França declarará que sou cidadão do mundo. Mas se não estiver, a França dirá que sou alemão e os alemães dirão que sou judeu” (Texto-imagem 2).

A posição de Albert Einstein (Texto-imagem 2), recortada da entrada da exposição, coloca em causa a sua designação em um país ou outro, diante do acerto de sua teoria é uma memória que retorna, constituindo-se em práticas, desde o senso comum até o funcionamento das ciências. Nas condições de produção em que o cientista se constitui em discurso, vale presentificar possíveis efeitos de sentidos: em relação a ele mesmo: um judeu, destacando-se todo o discurso que a Alemanha fez circular no mundo todo em torno dos judeus, construindo-os como inimigos da humanidade. E disso se pode ter como possível efeito de sentido que caso Einstein não fosse um cientista renomado e de valor inquestionável para a ciência, ele estaria em um campo de concentração, teria todos os seus bens confiscados, assim como aconteceu com outros judeus, podendo ter tido o mesmo fim de seis milhões de judeus.

A sua genialidade e a posição-sujeito ocupada na formação social e no cenário científico da época faz com que tenha um lugar que independe de sua nacionalidade. Os seus feitos e os efeitos deles valem como passaporte. Em relação aos países, que diante do seu desempenho reivindicariam a sua nacionalidade e filiação, começando pela França, designando-o, se a teoria da relatividade estivesse correta, de “cidadão do mundo” e, por consequência, também cidadão francês, dada a posição desse país na ciência. A Alemanha o veria como um cidadão alemão, mas se estivesse errado, seria, segundo os alemães, um judeu e para os franceses, alemão, marcando a oposição França e Alemanha. Compreendemos, nessa inscrição, diferentes efeitos de sentidos, um deles é que o sujeito ‘vale’ pelos seus feitos e que ser ‘judeu’ é não ter nacionalidade.

O físico Albert Einstein era um sujeito marcado pela contradição. Em 1923, fez uma visita a Jerusalém e registrou sua observação das pessoas rezando junto ao muro das lamentações: “Desci até o muro do templo, onde os obtusos patrícios ficam rezando alto, com o rosto voltado para o muro, balançando o corpo para frente e para trás. Imagem miserável de uma gente com passado e sem presente”. A sua manifestação sinaliza para a contradição e para a relação com a religião, desde os 17 anos havia se excluído da religião judaica, não visitava templos e não rezava.

De acordo com a matéria publicada em “Especial da ciência”³, Einstein tinha fé e chegou a escrever, em 1932, um breve texto intitulado “Minha profissão de fé”. Para ele, a linguagem de Deus é a matemática, pautando-se na racionalidade do mundo. Gostava de música. O enunciado entre aspas e que dá visibilidade a ele na exposição é: “Época triste em que é mais fácil quebrar um átomo do que um preconceito”.

CONSIDERAÇÕES PRETENSAMENTE FINAIS...

Os discursos que sustentam a resistências no Museu do Holocausto conjugam o passado e o presente, pois manipular o passado significa controlar a grande narrativa “que vai formar as consciências de maneira direta ou indireta” é, de acordo com Robin (2016, p. 215), o sonho de todos que se pretendem onipotentes, sendo que no museu a narrativa tem como protagonistas os judeus e, como nos mostra o recorte da exposição “Feitos e Efeitos”, os sujeitos que discursivamente aparecem nessa narrativa são os

³ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/albert-einstein-e-a-religião/a-1555314-0>. Acesso em: 10 jan. 2022.

sobreviventes – as testemunhas – e que prestam testemunhos e os judeus cidadãos do mundo, aqueles que protagonizaram os ‘feitos’ e instauraram ‘efeitos’.

Os cento e vinte sujeitos que fazem parte dessa exposição, dentre esses os trinta e dois que podem ser vistos, não são testemunhas e nem prestam testemunhos, os efeitos que se constituem é que eles são os corpos-memória e os corpos-documento que dão visibilidade aos judeus para além dos sobreviventes. Podemos dizer, que muitos desses que estão nessa exposição não estiveram em campos de concentração, mas funcionam como corpos que ‘fazem crer’ pelo ver, que os judeus ‘fizeram’. A diferença na produção do conhecimento em diferentes áreas e atuaram em diferentes domínios.

Para finalizar, definimos o Museu do Holocausto de Curitiba como lugar de resistência pelo enunciado “para sempre vamos lembrar”, sublinhando que nesse espaço de resistência retornam discursos sobre a Shoá, sobre os sobreviventes e sobre os judeus que protagonizaram ‘feitos e efeitos’, sustentando e legitimando a prática de resistência do museu, possibilitando como práticas de abertura de arquivos e a construção de museus, memoriais e lugares de guarda.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, n. 26, p. 53–62, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto – Editora da PUC-Rio, 2006.
- NASCIMENTO, Lyslei. O museu, a Shoá e a cena da rememoração. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 98-113, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13906>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- ORLANDI, Eni. **Eu, tu, ele** - discurso e real da História. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975]1997.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Trad. Eni Orlandi e Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- REISS, Carlos. **Luz sobre o caos**: Educação e memória do Holocausto. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.
- ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Trad. Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2016.
- SELIGMANN-SILVA, M. Literatura da Shoah no Brasil. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 123–135, 2007.
- VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração / comemoração. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
- VENTURINI, Maria Cleci. Museus e espaços públicos no encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo documento. *In*: VENTURINI, Maria Cleci (org.). **Museus, Arquivos e Produção do Conhecimento em (Dis)curso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 51-76.
- VENTURINI, Maria Cleci; PETRI, Verli. Museus, condições de produção e política de memória: Museu do Holocausto de Curitiba. **Anais do IX SEAD** - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico]. Recife: UFPE, 2019.
- VENTURINI, Maria Cleci. Discussões sobre história e memória na análise de discurso e na história. *In*: ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. Identidades (in)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. **Organon**, v. 17, n. 35, p. 245-282, 2003.